



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

DA VIOLÊNCIA AO CUIDADO AMOROSO DE JESUS COM AS CRIANÇAS: UM PERCURSO INTERDISCIPLINAR¹

*From violence to Jesus' loving care of children:
An interdisciplinary path*

Cristina Brandt Nunes²
Karin Hellen Kepler Wondracek³

Resumo: Este estudo focaliza a violência infligida contra a criança na contemporaneidade, em especial o uso de punição física, e interpreta, com base em passagens do Antigo e do Novo Testamentos, a educação de crianças a partir do olhar de Jesus para a infância. A pesquisa bibliográfica foi realizada na interface entre teologia e ciências humanas, contextualizando a questão da educação e da violência contra a criança. A vida de Jesus e seus ensinamentos pacíficos e amorosos têm como base a misericórdia, a paciência e a compaixão, em momento nenhum recomendando ou aprovando a punição corporal dos filhos pelos pais. Há necessidade de desconstruir a imagem de um Deus moldado em contextos violentos do passado, muitas vezes usada como justificativa para o exercício de violência contra crianças. A representação de Deus pode ser decisiva na abordagem com crianças e famílias em situação de violência. Destaca-se a contribuição da Teologia da Criança para se compreender o lugar da infância no coração do Evangelho, iluminando simultaneamente o fazer teológico e o trato com crianças.

Palavras-chave: Violência. Jesus Cristo. Criança. Teologia da Criança.

Abstract: This study addresses violence inflicted against children – particularly the use of corporal punishment – in the contemporary world and, drawing on passages from the Old and New Testaments, seeks to interpret the education of children based on Jesus' stance on childhood. A literature search explored the interface between theology and humanities to provide a comprehensive perspective on the issue of education of and violence against children. Jesus' life and peaceful, loving teachings, founded on mercy, patience, and compassion, at no time recommend or condone corporal punishment of children by parents. It is time to deconstruct the image of God shaped in former violent

¹ O artigo foi recebido em 15 de agosto de 2013 e aprovado em 08 de outubro de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Enfermeira. Doutora em Ciências. Especialista em Aconselhamento Pastoral e Psicologia. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, Brasil. Contato: cbrandt@terra.com.br

³ Psicóloga e psicanalista em Porto Alegre/RS. Doutora em Teologia. Professora Adjunta da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo/RS, Brasil. Contato: karinkw@gmail.com

■ contexts – an image often used as a rationale for inflicting violence against children. God’s representations can play a crucial role in situations of violence involving children and their families. The contribution of Child Theology to better understand the position of children in the heart of the Gospel is noteworthy, concurrently elucidating both theological and child-raising approaches.

■ **Keywords:** Violence. Jesus Christ. Children. Child Theology.

Introdução

O período da infância é marcado por influências vivenciadas no âmbito familiar, sendo essencial que ocorra identificação com uma figura afetiva estável para que, por meio dessa, possa ser construída a nova identidade. A criança submetida à violência intencional e repetida aprende esses padrões como “verdades” e os reproduz em suas relações sociais. Tal fenômeno configura a intergeracionalidade da violência: um ciclo em que essa acompanha a família de geração em geração.⁴

Pais e familiares muitas vezes utilizam castigos físicos em nome da ordem doméstica e da moral dos filhos, acreditando que a palmada pode ser educativa e considerando violentos somente os casos de espancamento. Além disso, a violência sexual, a psicológica, a síndrome de Munchausen por procuração⁵ e outras formas de comportamento violento encontram no ambiente doméstico um cenário privilegiado, uma vez que ali as relações da família que vivencia tais situações de vulnerabilidade costumam permanecer envoltas em um pacto de silêncio.

A abrangência e a gravidade da violência contra crianças e adolescentes requerem ações preventivas junto à família, à comunidade e à sociedade, a fim de alertá-las quanto à detecção precoce dos casos. Além disso, é relevante entender a natureza e a realidade desse fenômeno, conhecendo suas diversas formas de expressão e consequências, para se obter diagnósticos que contribuam em abordagens de prevenção e intervenção.⁶ Abordar a questão da violência familiar contra a criança é tarefa complexa. Muitas vezes, as famílias vivem em situação de crise, se isolam e não contam com suporte emocional, econômico, social e espiritual para encontrar soluções.

⁴ NUNES, Cristina Brandt. *A violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente na perspectiva de profissionais de saúde*. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2007. p. 4.

⁵ Forma rara de abuso infantil em que cuidadores inventam exageradamente histórias e sintomas a respeito do estado de saúde da criança. É um tipo de mau trato infantil que pode incluir abuso físico e psicológico para gratificação do cuidador. O perpetrador costuma ser a mãe biológica com algum conhecimento e treinamento em cuidados de saúde. A criança é sujeita a exames médicos e procedimentos dolorosos e desnecessários como resultado da história e sintomas fornecidos pelo cuidador. WILSON, David; CREAMER, Lisa; BLAIR, Faye. Problemas de saúde de lactentes e pré-escolares. In: HOCKENBERRY, Marilyn J.; WILSON, David (Eds.). *Wong: fundamentos de enfermagem pediátrica*. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. cap. 14, p. 494.

⁶ MARTINS, Christiane Baccarat de Godoy. Maus tratos infantis: um resgate histórico e das políticas de proteção. *Acta Paul. Inf.*, v. 23, n. 3, 2009. p. 427.

No que diz respeito às igrejas, percebe-se que muitas pregam uma espiritualidade alienada quanto ao modo de lidar com a exclusão social e com a violência doméstica e das ruas. Em contraponto a essa realidade, determinados grupos, organizações e igrejas têm encarnado a busca por uma ordem social justa e amorosa pelos que sofrem. A igreja de Cristo deve ir ao encontro dos excluídos, em especial das crianças, chamadas por Jesus a estarem em sua presença.⁷ A igreja que se propõe a ser terapêutica deve cuidar do ser humano em sua complexidade biopsicossocial e espiritual.

O presente estudo tem como objetivos descrever a violência física utilizada contra a criança na contemporaneidade, em especial o uso de punição física, e interpretar, com base em passagens do Antigo e do Novo Testamentos, a educação de crianças e o olhar de Jesus para a infância.

A violência física e a realidade do fenômeno

O fenômeno da violência contra crianças e adolescentes começou a ser estudado no século XX e o conceito de violência física foi se modificando no decorrer dos anos.

Em 1961, o pediatra C. Henry Kempe coordenou um simpósio promovido pela Academia Americana de Pediatria a respeito de crianças maltratadas, no qual se estabeleceram critérios de diagnóstico e tratamento de crianças que sofriam abusos – situação que foi denominada síndrome da criança maltratada.⁸

O emprego de outros termos – entre eles, abuso físico, maltrato físico, agressão física e violência física – aponta que esse campo conceitual é complexo. De um lado estão os que defendem que esse tipo de violência só pode ser encarado como tal quando envolve dano à vítima; de outro, há os que consideram que a violência física abrange todos os atos que causem dor física, e não apenas ferimentos.⁹

Segundo concepções mais recentes, o castigo repetido não severo também é considerado uma forma de violência.¹⁰ O conceito de maus-tratos físicos como eventos que resultem em presença de lesões físicas é limitado, uma vez que é possível trazer desconforto à criança sem lhe causar lesão aparente. Além disso, tal conceito ignora a dimensão psicológica do castigo corporal e do sofrimento e humilhação que podem advir.¹¹ Na designação “violência física” está implícita a ideia de poder, de

⁷ LISBOA, Ageu Heringer. O Deus dos pequeninos. *Psicoteologia: Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos*, Araçariçuama, v. 15, n. 31, 2002. p. 5.

⁸ OUTEIRAL, José Ottoni; HEBERT, Sizinio. A criança maltratada. In: HEBERT, Sizinio et al. (Orgs.). *Ortopedia e traumatologia: princípios e prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 1541.

⁹ GUERRA, Viviane Azevedo. *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 33 e 40.

¹⁰ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas da Saúde. *Violência intrafamiliar: orientação para prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. p. 17.

¹¹ DURRANT, Joan E. Castigos corporais: preponderâncias, preditores e implicações para o comportamento e desenvolvimento da criança. In: HART, Stuart N.; DURRANT, Joan E.; POWER, F. Clark (Orgs.). *O caminho para uma disciplina infantil construtiva: eliminando castigos corporais*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2008. p. 60.

força e de relações culturalmente construídas, bem como a inserção dos perpetradores e das vítimas no contexto histórico e social.¹²

Focalizar o abuso infantil requer levar em conta os diferentes padrões de comportamento e as expectativas dos pais, bem como a diversidade cultural. A cultura auxilia a definir os princípios normalmente aceitos de criação das crianças e cuidados para com essas, pois compreende as crenças e os comportamentos de cada sociedade.¹³ Os tipos de castigo físico variam entre as culturas e dentro delas, podendo abranger desde tapas em diversos locais no corpo até pauladas, chibatadas, varadas e ações como manter amarrado, manter de joelhos, socar, esmurrar, bater ou outras.¹⁴

No Brasil, a partir da década de 1980 teve início um movimento em prol da infância e adolescência. Em 1988 foi promulgada a Constituição Federal, que garante os direitos da criança e do adolescente e a proteção desses de qualquer tipo de violência.¹⁵ Tais princípios constitucionais culminaram ao se aprovar a Lei 8 069, de 13 de julho de 1990, referente ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que dispõe sobre os direitos e deveres na infância e adolescência. Crianças e adolescentes passaram a ter direitos pessoais e sociais definidos e a contar com políticas públicas específicas.¹⁶ No entanto, mesmo com leis tão avançadas, é ainda longo o caminho a percorrer em termos de esforços necessários ao enfrentamento da violência contra essas faixas etárias.

Um estudo desenvolvido com profissionais da Estratégia de Saúde da Família no município de Campo Grande/MS, mostrou que a abordagem à violência intrafamiliar contra crianças tende a ser complexa e que lidar com tais fatos gera angústia, pois os profissionais consideram baixa a resolução de suas ações e pouco efetivas as soluções que possam oferecer. Quando à violência física, vários profissionais entrevistados relatam o uso de punição física (surrar, morder, colocar a criança de joelhos e outros) pelos pais, principalmente contra crianças com menos de dois anos de idade.¹⁷

Uma pesquisa realizada em Feira de Santana/BA sobre casos registrados nos Conselhos Tutelares I e II em 2003 e 2004 mostrou que a violência física contra crianças e adolescentes acometeu todas as faixas etárias investigadas e teve predomínio a partir dos dois anos de idade. No entanto, houve aumento significativo do abuso físico em crianças de até um ano. A prevalência dos agentes agressores distribuiu-se em ordem decrescente entre madrasta, padrasto, mãe, pai e outros familiares.¹⁸

¹² ASSIS, Simone Gonçalves de; DESLANDES, Suely Ferreira. Abuso físico em diferentes contextos de socialização infanto-juvenil. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Violência faz mal à saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. p. 47.

¹³ OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Informe mundial sobre a violência e a saúde*. Washington, 2002. p. 59.

¹⁴ DURRANT, 2008, p. 57.

¹⁵ BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988. p. 37.

¹⁶ BRASIL. Ministério da Saúde. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. 2. ed. atual. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. p. 7. (Série E. Legislação de Saúde).

¹⁷ NUNES, 2007, p. 92, 103-104.

¹⁸ COSTA, Maria Conceição Oliveira et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes segundo registros de conselhos tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 12, n. 5, 2007. p. 1138 e 1140.

Os estudos mostram que as crianças, desde o início da vida, são acometidas por abusos físicos principalmente em cenário familiar e por pessoas muito próximas a elas, que não estão desempenhando o papel de protegê-las e de acolhê-las em seu processo único de crescimento e desenvolvimento saudáveis.

Punição física: violência?

A punição corporal de crianças, seja por meio de socos, chutes ou surras, é social e legalmente aceita em vários países. Formas moderadas e graves de disciplina não se limitam ao ambiente familiar ou doméstico. Em muitos locais, são utilizadas também em estabelecimentos penais para jovens infratores e em escolas.¹⁹

No Brasil, os questionamentos sobre a naturalização da cultura da violência física têm suscitado indagações sobre a prática de “bater” como forma justificada de disciplina. A campanha nacional *Palmada deseduca*, empreendida pelo Laboratório de Estudos da Criança (LACRI), colocou a questão em debate para a população brasileira.²⁰ Além disso, projetos de lei em tramitação dispõem sobre alterações de dispositivos da Lei 8 069, de 13 de julho de 1990 (ECA), e da Lei 10 406, de 10 de janeiro de 2002 (Novo Código Civil), relacionadas à proteção da criança e do adolescente contra atos de violência.

O Projeto de Lei 2654/2003, paralisado desde 2006, visa estabelecer o direito de crianças e adolescentes de não serem submetidos a qualquer forma de punição corporal, seja com castigos moderados ou imoderados e sob quaisquer alegações, ainda que pedagógicas. O Projeto de Lei 7672/2010, votado pela Câmara dos Deputados em 14 de dezembro de 2011, altera o Estatuto da Criança e do Adolescente e estabelece o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel e degradante. Proíbe os pais de aplicar-lhes castigos físicos com uso de força física e que resultem em sofrimento ou lesão.²¹ Atualmente o projeto aguarda aprovação no Senado Federal.

A prática de bater em crianças por meio de palmadas como medida educativa a fim de corrigi-las não só é comum e aceita por muitos pais e familiares, mas na maioria das vezes é considerada procedimento adequado. Os questionamentos e reflexões são diversos e o assunto é controverso, trazendo divisão de opiniões entre famílias, a comunidade e profissionais das mais diversas áreas ligadas aos cuidados e à educação de crianças e adolescentes. O limite entre uma palmada com fins corretivos e aquela que se transforma em espancamento é tênue.

Em estudo desenvolvido com crianças e adolescentes em escolas de Curitiba/PR, com o objetivo de identificar práticas educativas parentais que enfatizam castigos físicos, constatou-se que a maioria das famílias já utilizou ou utiliza punições corpo-

¹⁹ OMS, 2002, p. 63.

²⁰ ASSIS; DESLANDES, 2004, p. 52.

²¹ RIBEIRO, Stephanie Paula Ferreira. A sociedade e o estado juntos na consolidação da base familiar. *Revista de Direito dos Monitores da UFF*, v. 4, n. 11, 2011. p. 7.

rais (como tapas e palmadas) com fins educativos. Tal prática foi aplicada com maior frequência que os castigos não corporais, o que aumenta a probabilidade de que seja aplicada a situações semelhantes, retardando ou impedindo o investimento em outros métodos disciplinares que requeiram maior prazo para a criação e manutenção de comportamentos adequados (reforço positivo).²²

Em pesquisa voltada a revelar as concepções de profissionais de saúde sobre a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, detectou-se que o uso da punição física dos filhos é defendido como benéfico tanto pelas famílias atendidas como pelos próprios profissionais. Para ambos, porém, há diferença entre bater e espancar. Consideram que a palmada, quando utilizada de maneira leve, tem fins corretivos. Já o espancamento é visto como violência, por ser agressivo, deixando marcas no corpo da vítima.²³

Uma análise documental de livros de orientação a pais e educadores sobre a temática “punições corporais” em crianças e adolescentes, abrangendo obras disponíveis nas principais livrarias de São Paulo, revelou que, embora a maioria dos autores se posicione contra a punição corporal doméstica, uma minoria favorável a essa prática parece ter maior impacto na formação educacional das famílias. Dentre os autores contrários à punição corporal, alguns defendem algum tipo de castigo ou punição como forma de educação de crianças e adolescentes. Poucos são os autores que propõem uma educação centrada em uma concepção dialógica entre pais e filhos, rompendo assim com o universo punitivo.²⁴

O castigo físico ou a humilhação verbal podem, em princípio, trazer efeitos considerados desejáveis para a modificação de condutas inadequadas. A longo prazo, porém, tal ganho mascara os efeitos negativos da ação maltratante. Na punição corporal estão envolvidos dois mecanismos. O primeiro ensina que é por meio da humilhação e da aplicação de dor que se solucionam conflitos; o segundo considera que, ao adulto que detém o poder, a criança deve obediência irrestrita e irrefletida.²⁵

Um dos estudos já citados revelou também que quanto mais frequentes as palmadas infligidas pelos pais a crianças e adolescentes escolares, maior o índice de ferimentos. Isso indica haver uma gama de continuidade entre um “simples” tapa e a agressão. A palmada pode tornar-se o elemento inicial de uma escalada de ações cuja natureza equivale à de um espancamento. Bater de leve ou surrar são atitudes que seguem o mesmo princípio, tornando difícil delimitar o que é tapa e o que passa a ser espancamento.²⁶

²² WEBER, Lídia Natália Dobrianskyj; VIEZZER, Ana Paula; BRANDENBURG, Olívia Justen. O uso de palmadas e surras como prática educacional. *Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 2, 2005. p. 235.

²³ NUNES, Cristina Brandt; SARTI, Cynthia Andersen; OHARA, Conceição Vieira da Silva. Concepções de profissionais de saúde sobre a violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente. *Rev. Latino am. enfermagem*, v. 16, n. 1, 2008. p. 139-140.

²⁴ LONGO, Cristiano da Silveira. Ética disciplinar e punições corporais na infância. *Psicol. USP* [online], São Paulo, v. 16, n. 4, 2005. p. 115.

²⁵ FARINATTI, Franklin; BIAZUZ, Daniel B.; LEITE, Marcelo Borges. *Pediatria social: a criança maltratada*. Rio de Janeiro: MEDSI, 1993. p. 245.

²⁶ WEBER; VIEZZER; BRANDENBURG, 2005, p. 235.

Na realidade brasileira, a violência física contra a criança e o adolescente está relacionada à aceitação cultural, presente em todas as classes sociais, de que a punição física é método eficaz para regular o comportamento dos filhos.²⁷ A proposta de um novo paradigma centrado em processos afetivos, na ação comunicativa e em proposições positivas, em uma concepção relacional entre pais e filhos, poderá permitir a construção de uma nova abordagem educacional. Nessa perspectiva, o papel afirmativo do outro, bem como dos acertos, dos ganhos, dos avanços e da compreensão da criança como um ser com potencial de crescimento, ganha espaço em detrimento da punição e do castigo.²⁸

Aconselhamento terapêutico: reinterpretando Provérbios

No livro bíblico de Provérbios há versículos que tratam da educação de crianças. Alguns desses são utilizados em contextos cristãos como argumento para a prática do castigo físico corporal como princípio divino, respaldado especialmente pelo conteúdo de citações bíblicas que mencionam a “vara como disciplina”²⁹: “*Nos lábios do prudente, se acha sabedoria, mas a vara é para as costas do falto de senso*” (Provérbios 10.13); “*O que retém a vara aborrece seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina*” (Provérbios 13.24); “*Castiga o teu filho, enquanto há esperança, mas não te excedas a ponto de matá-lo*” (Provérbios 19.18); “*A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara a afastará dela*” (Provérbios 22.15); “*Não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara, não morrerá*” (Provérbios 23.13); “*O açoite é para o cavalo, o freio para o jumento, e a vara, para as costas do insensato*” (Provérbios 26.3); “*A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe*” (Provérbios 29.15).

No entanto, o termo hebraico *shebet*, que se traduz em português como “vara”, “pau”, “ramo”, “cajado”, pode não significar apenas um objeto de punição ou de disciplina física, mas apoio de transporte para viandantes e instrumento de guia para os pastores conduzirem ovelhas no campo. Além disso, quando o livro de Provérbios focaliza a questão da disciplina, tem como objetivo uma abordagem positiva dessa para o alcance da sabedoria, do viver com satisfação, do ser fiel à lei de Deus e da busca de uma vida plena.³⁰

O conjunto dessas possibilidades sugere dois aspectos centrais: (1) que o uso da vara está ligado ao contexto cultural de uma época, que privilegiava uma interpretação patriarcal da Bíblia³¹, e (2) que o ensinamento central de Provérbios não é

²⁷ CARMO, Carolina Jacomini do; HARADA, Maria de Jesus C. S. Violência física como prática educativa. *Rev. Latino am. enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 6, 2006. p. 854.

²⁸ LONGO, 2005, p. 116.

²⁹ PROVÉRBIOS. In: BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 682, 686, 692, 694-695, 698 e 701.

³⁰ SEGURA, Harold. *El castigo corporal: una re-lectura del libro de Proverbios* [online]. 2010.

³¹ PANOTTO, Nicolau. “Porque as revelaste”: o empoderamento da palavra frente à violência do silenciamento. In: SEGURA, H.; PEREIRA, W. *Para falar de criança: Teologia, Bíblia e Pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p. 17.

o uso da vara, mas sim a formação de pessoas sábias. Com o primeiro aspecto, indicamos a necessidade de um trabalho hermenêutico para desconstruir a noção rasa de disciplina associada a castigo corporal, tarefa que ainda aguarda maiores ênfases nos meios teológicos e pastorais latino-americanos, muitas vezes perigosamente cegos a abusos cometidos debaixo de seus narizes – ao que voltaremos adiante. Sob o segundo aspecto, porém, o castigo físico perde seu papel essencialmente corretivo e revela-se como instrumento cultural temporalmente situado – e portanto mutável – para o fim maior da busca da sabedoria, que privilegia a relação pais-filhos à luz da revelação divina. Isso evidenciaria a necessidade de contextualizar as citações bíblicas e de compreender seu significado maior, em vez de tomá-las como padrões absolutos ou generalizáveis para o comportamento cristão na educação de filhos.

Essa dinâmica se torna ainda mais perigosa quando não reconhecemos tal instância histórica e contingente da teologia. Por um lado, tendemos a absolutizar nossos olhares particulares e com isso impô-los como verdades absolutas a todos e todas, como descrição da única Verdade existente. Por outro lado, e é o ponto mais lamentável, utilizamos o nome de Deus para legitimar práticas de opressão e violência.³²

O cristão tem a missão de participar da educação e da cura de crianças nas diversas faixas etárias e dimensões: biológica, mental, espiritual e social. Várias vivem em precárias condições, acometidas por doenças e por diversos tipos de maus-tratos. Na maioria das vezes, os que delas deveriam cuidar não desempenham esse papel condignamente.³³

Desde Sigmund Freud sabe-se que a ligação afetiva entre pais e filhos não é apenas amorosa, mas também carrega sentimentos de raiva, frustração, inveja, renúncia. Se a pastoral apresentar uma representação de Deus que sancione ou exija ações violentas no processo educativo, estará abrindo a porta para a descarga desses impulsos, tanto em nível familiar como grupal.^{34,35}

Coerente com a busca de sabedoria e o refreamento dos impulsos violentos, a disciplina positiva por meio de regras, limites, ordem, organização e ensino e as advertências à criança podem ser realizadas com respeito, de modo assertivo e alicerçadas em afeto, estímulo, diálogo e elogio.³⁶ No próprio livro de Provérbios há modelos que podem pautar a educação de crianças sem recorrer a castigo corporal: “*Filho meu, atenta para as minhas palavras; aos meus ensinamentos inclina os ouvidos*” (Provérbios 4.20); “*O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões*”

³² PANOTTO, 2012, p. 17.

³³ WONDRAECK, Karin H. K. *Jesus e as crianças moribundas: um processo de três curas*. In: SEGURA; PEREIRA, 2012, p. 119.

³⁴ KRISTEVA, Julia. *Sentido e contra-senso da revolta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

³⁵ FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 89-181. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 18).

³⁶ POLI, Cris. *A importância da disciplina e do afeto na educação*. Campo Grande, Igreja Evangélica Batista Ágape, 24 set. 2011. Palestra ministrada no 2.º Congresso Brasileiro Igreja Terapêutica: E uma criança os guiará.

(Provérbios 10.12); “Ensina à criança o caminho que deve andar e, ainda quando for velho, não se desviará dele” (Provérbios 22.6).

Jesus e as crianças: desafios teológicos e pedagógicos

A abordagem adotada na década passada pelo Movimento da Teologia da Criança (Child Theology Movement)³⁷ configura-se como uma rede internacional de teólogos e cuidadores de crianças, não apenas para assisti-las, mas para refletir teologicamente a partir do contato com elas:

A TC [Teologia da Criança] nos convida a observar atentamente a criança em nosso meio no ato de pensar sobre, de e com Deus em Cristo. Agindo assim, esperamos que a nossa teologia mude para melhor. Com a Teologia da Criança embarcaremos em uma nova jornada com Cristo em direção ao ministério revelado de Deus no mundo. [...]. Ele serve à criança porque explora os fundamentos teológicos dos direitos da criança, a importância de todas as iniciativas educacionais e ministérios de educação infantil e a integralidade transcendente da criança no ministério de Deus³⁸.

A palavra “criança” é repetida várias vezes em todos os evangelhos, a começar pela Encarnação: Deus escolheu vir ao mundo para se revelar por meio de um bebê. Ele é pequeno, é fraco, dependente e vulnerável. Deus nos fala que precisamos aprender a sair dos palácios e dos encontros com eruditos e poderosos e chegar até a manjedoura e a criança.³⁹

As crianças têm um significado especial para Jesus, que demonstra profundo amor e respeito por elas e as coloca em posição privilegiada. Em um debate entre os discípulos e Jesus (Mateus 18.1-5)⁴⁰ a respeito de questões teológicas, a criança é personagem central de uma lição de grandeza e sabedoria:

Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus? E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é maior no reino dos céus. E quem receber uma criança, tal como esta em meu nome, a mim me recebe⁴¹.

³⁷ CHILD THEOLOGY [online]. [s.d.].

³⁸ COLLIER, John. Proposta teológica Movimento Teológico da Criança (TC). In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton. *Uma criança os guiará*: por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 259.

³⁹ WHITE, Keith J. Redescobrimo a criança no coração da missão. In: FASSONI; DIAS; PEREIRA, 2010, p. 29.

⁴⁰ Também em Mt 19.13-14; Mc 10.115-16; Lc 18.14-17.

⁴¹ MATEUS. In: BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 40.

Os discípulos tentaram manter as crianças longe do Cristo (numa triste semelhança com o precário lugar da infância na reflexão teológica contemporânea), mas Jesus se indigna com o comportamento dos discípulos e permite a presença delas em lugar exemplar, contra toda a cultura da época. Coloca-as em posição de destaque a fim de mostrar aos discípulos a verdade essencial sobre a questão de poder que eles não conseguiam entender.⁴² A criança colocada no meio vivifica o discurso sobre Deus, pois o retira da lógica adultocêntrica que enrijece o discurso sobre o divino.⁴³

Tornar-se como criança, seguindo o mandamento de Jesus, abre a possibilidade de realizar a tarefa teológica na simplicidade do reino de Deus. Isso se refere tanto a ações específicas para com a criança quanto a mudanças de valores e de atitudes no fazer teológico.⁴⁴

Para Gundry-Wolf, a expressão “receber o Reino como uma criança” significa ser “como alguém que é totalmente dependente da graça divina”⁴⁵. Os valores que aparecem na criança são os que Deus quer resgatar no ser humano: a capacidade de perdoar, de pedir ajuda, de chorar, de sentir dor, de confessar o que não entende e não conhece e de reconhecer que precisa de ajuda e proteção.⁴⁶ Desta forma, a criança simultaneamente é fonte de inspiração teológica e recebe o cuidado pastoral e diaconal.

Um breve exemplo do exercício teológico de *colocar a criança no meio*: observando o júbilo que o bebê expressa ao contemplar a face da mãe, os cristãos são lembrados de que seu Deus veio em forma humana. Conforme o teólogo James E. Loder⁴⁷, a profunda relação da criança com a face da mãe recorda ao cristão adulto que lhe cabe estabelecer sua relação não com um texto ou um conjunto de dogmas, mas sim com Jesus, a face de Deus revelada. A criança é, assim, fonte de reflexão teológica a respeito da forma de se acercar a Deus.

Ressignificando a disciplina a partir do Evangelho

A realidade de vida das crianças mostra que em várias situações elas não são cuidadas pelos adultos, o que as impede de desenvolver seu potencial integralmente. Atrofiada em sua capacidade criativa, emocional e social, a criança também se incapacita a gostar de si mesma, dos pais e até do próprio Deus.⁴⁸ Mais tarde, como

⁴² COLLIER, John. (Ed.). *Report of the Prague Consultation on Child Theology*: International Baptist Theological Seminary, 1-6 April 2005. [S.l.]: Child Theology Movement, 2006. Prologue, p. 2.

⁴³ PANOTTO, 2012, p. 19.

⁴⁴ LANES, L. William. A criança no meio. In: FASSONI; DIAS; PEREIRA, 2010, p. 182.

⁴⁵ GUNDRY-WOLF (2008) apud PANOTTO, 2012, p. 15.

⁴⁶ RAMOS, Ariovaldo. A melhor parte da vida humana. In: FASSONI; DIAS; PEREIRA, 2010, p. 77-78.

⁴⁷ LODER, James. *The logic of the spirit: human development in theological perspective*. San Francisco: Jossey Bass, 1998. p. 119. (No Brasil: WONDRAČEK, K. H. K.; REHBEIN, M.; CARTELL, L. *Desenvolvimento humano na lógica do espírito*: introdução às ideias de James E. Loder. Joinville: Grafar, 2012, p. 66-67.)

⁴⁸ RIZZUTO, Anna-Maria. *O nascimento do Deus vivo*: um estudo psicanalítico. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

adulta, tenderá a repetir as falhas como cuidadora, num círculo vicioso danoso a toda a sociedade.

Para o teólogo Nicolau Panotto, há um “silenciamento violento, sistêmico e imposto sobre a infância e sua própria lógica na sociedade e Igreja contemporânea”⁴⁹, em contraste com o lugar que a criança ocupou no ensino de Jesus. Panotto pergunta se a anulação da importância teológica da infância expressa a anulação de seu lugar nas igrejas e sociedades. Nesse sentido, a igreja se torna corresponsável pelas atrocidades cometidas contra os pequenos do Reino. Em sua “surdez crônica” e “afonia” em acolher e defender as crianças, acaba por aceitar como norma um padrão violento e opressor, dentro do qual interpreta autoritariamente os ensinamentos bíblicos.⁵⁰

É à luz da prioridade no Reino dada por Cristo à criança que a questão da disciplina deve ser repensada. Significativamente, há poucos escritos nesse sentido, talvez corroborando o pecado de omissão da igreja. Por isso apenas esboçamos algumas possibilidades, ansiando por maiores reflexões e trocas:

1. Se em Provérbios apontamos dois aspectos implicados na disciplina, o da contextualização e o da priorização da sabedoria, perguntamos: Como esses podem ser ressignificados à luz de Jesus Cristo?

Arriscamos um começo de ressignificação: A questão da disciplina é reposicionada pela prioridade dada às crianças no Reino, pois muitas atitudes vistas como reprováveis são sinais do frescor desse Reino (por exemplo, o perfeito louvor apontado por Jesus no átrio do templo em Mateus 20.15). Em consequência: o adulto responsável deve ser formado para em Cristo perceber esses sinais “evangélicos” nas crianças. Isso, além de aguçá-la sua sensibilidade com os pequeninos, também o convida a transformar sua imagem de Deus – não mais o Deus severo do castigo, mas o Deus Abba de Jesus. Ou, se enrijecer-se, tomará o partido dos líderes religiosos, tramando a morte (simbólica) do Ungido de Deus? Um tema a desenvolver em diálogo com a psicanálise, que indica a repressão do infantil em pessoas rígidas.⁵¹

Nessa transformação da imagem de Deus também adquirem sentido os outros significados de “vara”, mais próximos do Salmo 23 do que do castigo físico. Assim como Deus, de quem deriva toda família (Efésios 3.15), utiliza diferentes meios para ensinar seus filhos, também os pais e educadores, na contemplação do agir de Deus, são instruídos sobre outras formas menos violentas de acabar com a estultícia da criança sem abafar a revelação que ela traz. Desta forma unem-se, para o cristão, o crescer no conhecimento de Deus com a educação das crianças.

Em relação a privilegiar a busca de sabedoria na disciplina, novamente o paradigma é Jesus Cristo, sabedoria de Deus.⁵² Sua maneira amorosa de lidar com as crianças, e assim restaurar-lhes a autonomia, dá novo parâmetro aos ensinamentos

⁴⁹ PANOTTO, 2012, p. 15.

⁵⁰ PANOTTO, 2012, p. 16.

⁵¹ FREUD, Sigmund. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 9). p. 119-134.

⁵² SCHIPANI, Daniel. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

de Provérbios. “Na medida em que incluamos teologicamente a infância em nossos discursos, imaginários e práticas, ofereceremos um espaço de empoderamento e transformação sociocultural.”⁵³

2. Há algo a aprender da infância de Jesus? A relação de Jesus com seus pais, especialmente o episódio de ter se separado deles para permanecer mais tempo na “Casa do Pai”, aos 12 anos, faz repensar o tão apregoadado ensinamento da cadeia de autoridade. Jesus ali mostra reconhecer os dois níveis de paternidade: o da família visível e o da família invisível, e o abandono da primeira será condição axial do discipulado (Marcos 3.35) – ou seja, a família humana não é a última referência para o cristão; antes, é deliberadamente retirada desse posto para o cumprimento do chamado do Reino. Isso é revolucionário, tendo em vista o papel ainda maior da família no atual contexto cultural.⁵⁴ Para o filósofo Michel Henry, aqui está um divisor de águas, que leva o cristianismo a sair da lógica da reciprocidade que funda as relações humanas habituais para a lógica da não reciprocidade, com a qual somos tratados por Deus e conclamados a encarnar.⁵⁵

3. As cartas de Paulo, especialmente suas recomendações à vida doméstica, também devem ser reconsideradas à luz do ensino de Cristo. Morato aponta que, sem esse pano de fundo, textos como Efésios 6.1-4 correm o risco de ser interpretados sob uma ótica distorcida da imagem de Deus e da autoridade, tornando-os textos patriarcais, hierárquicos e imbuídos da cultura da época, esvaziados da novidade do ensino de Jesus. Em outras palavras, Efésios 6 precisa ser compreendido tendo em conta todos os ensinamentos dos capítulos anteriores, que tratam da “Casa de Deus” mantendo coerência com os discursos de Jesus a respeito da preeminência da família espiritual sobre a família terrena.⁵⁶

Para Morato, “se levarmos em consideração que Efésios aborda a dinâmica familiar em torno da imitação/emulação de Deus e de Jesus: então, todas as partes envolvidas no ‘código doméstico’ de Efésios estão sujeitas a viver agindo deste modo”⁵⁷.

Apontamos aqui apenas esses três exemplos de ressignificação do ensino bíblico sobre a disciplina à luz do Evangelho, num convite para que outros estudos também recebam esse tratamento, numa integração entre teologia e educação.

⁵³ PANOTTO, 2012, p. 21.

⁵⁴ MENA, Francisco. Efésios 6.1-4: A casa de Deus e as marcas do amor de Cristo. In: SEGURA; PEREIRA, 2012, p. 42. “A família substituta que Jesus reúne gira em torno de Deus, considerado como Pai e fora da estrutura familiar tradicional.”

⁵⁵ HENRY, Michel. *Palavras de Cristo*. Lisboa: Colibri, 2003. p. 37. Uma síntese dessas ideias se encontra em: WONDRAECK, Karin H. K. *Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. 2010. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010. cap. 5.

⁵⁶ Indicamos todo o capítulo “Efésios 6.1-4: a casa de Deus e as marcas do amor de Cristo”, de Mena (2012, p. 29-47) também como um trabalho exemplar do que julgamos necessário no contexto teológico atual.

⁵⁷ MENA, 2012, p. 44.

Conclusão

A representação de um Deus que pune ou de um que acolhe pode ser decisiva na abordagem com crianças e famílias em situação de violência. Por isso há necessidade de desconstruir a imagem de um Deus moldado em contextos de violência no passado.

Assim como os discípulos se perturbaram quando Jesus lhes disse que deveriam deixar vir as crianças, gesto esse incompatível com sua imagem de Deus, a igreja também deve se permitir o desconforto de questionar o lugar teológico e a forma de cuidado de suas crianças. Deve precaver-se de apregoar, com base em entendimentos não contextualizados, o uso educacional da violência. Tal problemática exige reformulações de atitudes e de antigos aprendizados. Na ótica do Evangelho, há plena compatibilidade entre direitos humanos e o lugar privilegiado da criança no Reino dos Céus.⁵⁸

A chave para essa mudança de compreensão está no Evangelho, no Deus apresentado por Jesus Cristo, acolhedor dos pequeninos e crítico dos adultos portadores do saber “oficial”. No entanto, para Panotto, esse resultado não será alcançado por meio de projetos destinados à infância, mas apenas com a transformação de nossa apresentação de Deus e a prática de um fazer teológico como caminho para questionar os imaginários socioculturais que aceitam e facilitam a violência contra crianças.⁵⁹

Refletir sobre a educação da criança em termos de disciplina e limites requer atentar para o contexto histórico dos textos bíblicos e lembrar o gesto culminante de Jesus de *colocar a criança no meio*. É esse gesto que deve inspirar ações e reflexões, sejam de pais, educadores ou teólogos. *Colocar a criança no meio* é também deixar-se transformar segundo os paradoxos do Evangelho, no qual os fracos são fortes, os últimos são os primeiros, os pequenos são modelo no Reino dos Céus.⁶⁰

A Teologia da Criança já abriu um bom caminho a partir dos textos evangélicos sobre Jesus e as crianças, mas suas produções pouco modificaram o ensino e a prática da teologia, numa perigosa omissão.⁶¹ Sinal de resistência dos discípulos atuais à aproximação do infantil?

Nenhuma situação revela tanto as contradições do mundo moderno como o fenômeno da violência, que se manifesta nos mais diversos âmbitos: nos espaços urbanos e rurais; na guerra eminente ou persistente, declarada ou dissimulada; e, mais tristemente, em escolas e no interior de famílias. O progresso econômico e científico não foi capaz de responder a demandas de fundamental importância, sobretudo no que concerne à convivência igualitária, respeitadora e fraterna entre os membros da espécie humana e todo o ecossistema.

⁵⁸ MENA, 2012, p. 46.

⁵⁹ PANOTTO, 2012, p. 25.

⁶⁰ HENRY, 2003, especialmente o capítulo 2, p. 27-34.

⁶¹ Além dos dois livros já citados, uma divulgação consistente tem sido feita por meio do *site* www.maos-dadas.org, que reúne várias entidades de assistência à criança e adolescência no Brasil.

É nesse contexto que as crianças e suas famílias chegam às igrejas. A dor é do corpo, da alma e do espírito. Buscam um olhar compreensivo e pessoas que saibam escutá-las no mais profundo de seu ser. Precisam ser acolhidas e ali sentir a presença de Deus. Lidar com essa situação é tarefa complexa, que exige preparo e um pacto entre todos, incluindo pequenos e grandes *em Cristo* (Gálatas 3.23).

Francisco Mena bem sintetiza a tarefa que aguarda a comunidade cristã no resgate do modo de educar a criança segundo Jesus:

No caso da infância, o primordial é que esta possa se desenvolver em um ambiente de respeito e se sentindo legítima em si mesma. As crianças são pessoas completas. Dizer isso não é abandonar a autoridade dos pais e das mães, mas aprender a conviver como comunidade de vida em Deus. A perda da autoridade é o resultado de abandonar o respeito como espaço de convivência. O castigo físico e psicológico, os golpes e as palavras humilhantes advêm de uma compreensão inadequada do poder e da autoridade de Deus. Se Deus nos tratasse desta maneira é provável que nenhum de nós o amasse, mas seguramente o temor e o medo do castigo fariam com que nos comportássemos de uma maneira hipócrita⁶².

Desde a criação da psicanálise, sabemos que as experiências vividas com as figuras de autoridade moldam nossa imagem de Deus. Também sabemos que as memórias da infância continuam vivas e ativas no inconsciente, quer explícitas, quer ocultas. Desta forma, a violência sofrida passivamente na infância pode redundar em violência perpetrada ativamente na vida adulta⁶³, violência que também pode impregnar a imagem de Deus e a própria interpretação das Escrituras. Um grande trabalho interno e externo aguarda a igreja em sua tarefa de resgatar a atitude de Cristo para com seu Pai e para com seus prediletos: as crianças. Só dessa forma ela poderá ser um lugar acolhedor e curador de traumas, interrompendo esse círculo vicioso perpetuador de violências concretas e simbólicas.

Quanto à construção do saber teológico, também a psicanálise nos alerta que um excesso de intelectualismo pode ser defesa contra sentimentos dolorosos intensos.⁶⁴ Com a hermenêutica psicanalítica, podemos ampliar o significado do “deixai vir a mim as crianças” para aproximar ao colo de Jesus a dimensão infantil que habita a todos. Nesse processo curativo, aqueles que deixam sua criança ser acolhida e abençoada por Ele serão discípulos que não impedirão a presença da criança – sua própria e a de outros – em suas reflexões teológicas e pedagógicas e em suas práticas familiares, educativas e pastorais. Os que aprendem a identificar sua própria amargura, suas próprias fragilidades e suas próprias violências podem indicar o caminho para outros. Ser curadores feridos e agraciados é nosso desafio permanente.

⁶² MENA, 2012, p. 46.

⁶³ MANZATO, Malena. O mau-trato é uma tradição familiar? In: SEGURA; PEREIRA, 2012, p. 173.

⁶⁴ FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1968.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Simone Gonçalves de; DESLANDES, Suely Ferreira. Abuso físico em diferentes contextos de socialização infanto-juvenil. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Violência faz mal à saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. p. 47-57.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988. 47 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas da Saúde. *Violência intrafamiliar: orientação para prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. 2. ed. atual. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. (Série E. Legislação de Saúde). 114 p.
- CARMO, Carolina Jacomini do; HARADA, Maria de Jesus C. S. Violência física como prática educativa. *Rev. Latino am. enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 6, p. 849-56, 2006.
- CHILD THEOLOGY. [s.d.] Disponível em: <<http://www.childtheology.org/new/index.php?pID=1>>. Acesso em: 25 fev. 2013.
- COLLIER, John (Ed.). *Report of the Prague Consultation on Child Theology*: Internacional Baptist Theological Seminary, 1-6 April 2005. [S.l.]: Child Theology Movement, 2006. Prologue, p. 1-40.
- _____. Proposta teológica Movimento Teológico da Criança (TC). In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton. *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 257-259.
- COSTA, Maria Conceição Oliveira et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes segundo registros de conselhos tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 12, n. 5, p. 1129-1141, 2007.
- DURRANT, Joan E. Castigos corporais: preponderâncias, preditores e implicações para o comportamento e desenvolvimento da criança. In: HART, Stuart N.; DURRANT, Joan E.; POWER, F. Clark (Orgs.). *O caminho para uma disciplina infantil construtiva: eliminando castigos corporais*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2008. p. 57-107.
- FARINATTI, Franklin; BIAZUZ, Daniel B.; LEITE, Marcelo Borges. *Pediatria social: a criança maltratada*. Rio de Janeiro: MEDSI, 1993. 313 p.
- FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1968. 189 p.
- FREUD, Sigmund. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 119-134. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 9).
- _____. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 89-181. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 18).
- GUERRA, Viviane Azevedo. *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 262 p.
- HENRY, Michel. *Palavras de Cristo*. Lisboa: Colibri, 2003. 119 p.
- KRISTEVA, Julia. *Sentido e contra-senso da revolta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 347 p.
- LANES, L. William. A criança no meio. In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton. *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 167-183.
- LISBOA, Ageu Heringer. O Deus dos pequeninos. *Psicoteologia: Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, Araçariquama*, v. 15, n. 31, p. 3-5, 2002.
- LONGO, Cristiano da Silveira. Ética disciplinar e punições corporais na infância. *Psicol. USP* [online], São Paulo, v. 16, n. 4, p. 99-119, 2005. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi>>.

- usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772005000400006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 4 mar. 2012.
- LODER, James. *The logic of the spirit: human development in theological perspective*. São Francisco: Jossey Bass, 1998. 384 p.
- MANZATO, Malena. O mau-trato é uma tradição familiar? In: SEGURA, H.; PEREIRA, W. *Para falar de criança: Teologia, Bíblia e Pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p. 171-187.
- MARTINS, Christiane Baccarat de Godoy. Maus tratos infantis: um resgate histórico e das políticas de proteção. *Acta Paul. Enf.*, v. 23, n. 3, p. 423-428, 2009.
- MENA, Francisco. Efésios 6.1-4: A casa de Deus e as marcas do amor de Cristo. In: SEGURA, H.; PEREIRA, W. *Para falar de criança: Teologia, Bíblia e Pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p. 29-47.
- NUNES, Cristina Brandt. *A violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente na perspectiva de profissionais de saúde*. 2007. 184 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2007.
- NUNES, Cristina Brandt; SARTI, Cynthia Andersen; OHARA, Conceição Vieira da Silva. Concepções de profissionais de saúde sobre a violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente. *Rev. Latino am. enfermagem*, v. 16, n. 1, p. 136-140, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n1/pt_20.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2013.
- OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Informe mundial sobre a violência e a saúde*. Washington: OMS, 2002.
- OUTEIRAL, José Ottoni; HEBERT, Sizinio. A criança maltratada. In: HEBERT, Sizinio et al. (Orgs.). *Ortopedia e traumatologia: princípios e prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 1541-1552.
- PANOTTO, Nicolau “Porque as revelaste”: o empoderamento da palavra frente à violência do silenciamento. In: SEGURA, H.; PEREIRA, W. *Para falar de criança: Teologia, Bíblia e Pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p.13-28.
- POLI, Cris. *A importância da disciplina e do afeto na educação*. Campo Grande, Igreja Evangélica Batista Ágape, 24 set. 2011. Palestra ministrada no 2.º Congresso Brasileiro Igreja Terapêutica: E uma criança os guiará.
- PROVÉRBIOS. In: BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 671-704.
- RAMOS, Ariovaldo. A melhor parte da vida humana. In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton. *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010. p.77-83.
- RIBEIRO, Stephanie Paula Ferreira. A sociedade e o estado juntos na consolidação da base familiar. *Revista de Direito dos Monitores da UFF*, v. 4, n. 11, p. 1-17, 2011.
- RIZZUTO, Anna-Maria. *O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- SCHIPANI, Daniel. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SEGURA, Harold. *El castigo corporal: una re-lectura del libro de Proverbios*. 2010. Disponível em: <<http://comunidade reflexionyespiritualidadeva.blogspot.com/2010/08/golpear-para-educar-el-castigo-corporal.html>>. Acesso em: 6 jan. 2012.
- WEBER, Lídia Natália Dobrianskyj; VIEZZER, Ana Paula; BRANDENBURG, Olívia Justen. O uso de palmadas e surras como prática educacional. *Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 227-237, 2005.

WHITE, Keith J. Redescobrir a criança no coração da missão. In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton. *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 23-42.

WILSON, David; CREAMER, Lisa; BLAIR, Faye. Problemas de saúde de lactentes e pré-escolares. In: HOCKENBERRY, Marilyn J.; WILSON, David (Eds.). *Wong: fundamentos de enfermagem pediátrica*. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. cap. 14, p. 465-506.

WONDRACEK, Karin H. K. *Jesus e as crianças moribundas: um processo de três curas*. In: SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton. *Para falar de criança: Teologia, Bíblia e Pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p. 119-134.

_____; REHBEIN, M.; CARTELL, L. *Desenvolvimento humano na lógica do espírito: introdução às ideias de James E. Loder*. Joinville: Grafar, 2012. 102 p.

_____. *Ser nascido na vida: a fenomenologia da Vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. 2010. 256 p. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=245>. Acesso em: 10 maio 2013.